

Umbanda Esotérica não é Esoterismo na Umbanda

João Luiz Carneiro¹
Érica Jorge Carneiro²

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i28.36937>

Resumo: A proposta central do artigo é apresentar a umbanda esotérica como uma escola afro-brasileira. Dentro desta chave de interpretação, é possível observar suas características centrais: doutrina (epistemologia), linha de transmissão desta doutrina (metodologia) e estilo de vida (ética). Fundada na primeira metade do século XX por W. W. da Matta e Silva e continuada pelo seu sucessor F. Rivas Neto, sua proposta religiosa que foi expressa pelos próprios em várias obras ao longo dos últimos 58 anos afasta a tese de uma suposta tentativa de fazer uso de um esoterismo na umbanda. Para tanto, foram discutidas algumas obras de W.W. da Matta e Silva e discutidas as análises teóricas de dois pesquisadores atuais que aproximam Umbanda Esotérica de esoterismo na Umbanda e movimentos religiosos New Age. Tal reflexão auxilia os pesquisadores das religiões afro-brasileiras, notadamente as umbandas, a compreender este fenômeno religioso na atualidade.

Palavras chave: Escolas, História umbandista, Nova Era, Umbanda Esotérica, Religiões Afro-brasileiras.

Esoteric Umbanda is not Esotericism in Umbanda

Abstract: The central proposal of the article is to present an esoteric band as an Afro-Brazilian school. Within this key of interpretation, it is possible to observe its central characteristics: doctrine (epistemology), transmission line of this doctrine (methodology) and lifestyle (ethics). Founded in the first half of the 20th century by W. W. da Matta e Silva and continued by his successor F. Rivas Neto, his religious proposal that has been expressed by his own in several works over the last 58 years removes the thesis of an alleged attempt to make use of an esotericism in umbanda. For that, some works by W.W. da Matta e Silva were discussed and the theoretical analyzes of two current researchers that approach Esoteric Umbanda of esotericism in Umbanda and New Age religious movements were discussed. Such reflection helps the researchers of the Afro-Brazilian religions, notably the umbands, to understand this religious phenomenon at the present time.

¹ Pós-doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Doutor em Ciências da Religião (PUC-SP), Mestre em Filosofia e Especialista em Teologia Afro-brasileira (FTU). Docente da FTU-SP. joaocarneiro@ftu.edu.br

² Doutoranda em Ciências Sociais (UFABC). Mestra em Ciências Sociais pela mesma instituição. Docente da FTU-SP. Membro do Grupo de Pesquisa Identidades Plurais e Representações Simbólicas (UFABC-CNPq). ericafcj@gmail.com

Keywords: Schools, Umbandist History, New Age, Esoteric Umbanda, Afro-Brazilian Religions.

Esotérica Umbanda no esoterismo en Umbanda

Resumen: La propuesta central del artículo es presentar una banda de una escuela esotérica Afrobrasileño. Dentro de esta clave de interpretación, es posible observar las características de excelente doctrina: (epistemología), esta doctrina de la línea de transmisión (metodología) y estilo de vida (ética). Fundada en la primera mitad del siglo 20 por W. W. da Matta e Silva y continuada por su sucesor F. Rivas Neto, Su propuesta religiosa fue expresada por ellos en diversas obras en los últimos 58 años lejos de la tesis de un supuesto intento de hacer uso de un esoterismo en Umbanda. Para ello, hemos discutido algunas obras de W. W. da Matta e Silva y discutimos el análisis teórico de dos investigadores actuales se aproximan esotérica Umbanda de esoterismo en movimientos religiosos Umbanda y de la Nueva Era. Tal reflexión ayuda a los investigadores de las religiones afro-brasileña, en particular umbandas, para entender este fenómeno religioso en la actualidad.

Palabras – clave: Escuelas, Umbanda historia, New Age, esotérica Umbanda, religiones afro-brasileñas.

Recebido em 30/02/2017- Aprovado em 20/04/2017

A Umbanda Esotérica

Em outro trabalho (CARNEIRO, 2014) apresento uma breve descrição da Umbanda Esotérica³ fazendo uso, em primeira instância, da própria literatura de seu fundador W. W. da Matta e Silva, bem como F. Rivas Neto que atualmente detém a raiz⁴ dessa tradição, sendo seu sucessor direto. No presente artigo vamos retomar alguns pontos chaves para discussão ora proposta.

³ “O termo ‘umbanda esotérica’ pode ser encontrado ao longo do século passado em registros escritos. No livro, com cunho religioso, de Oliveira Magno (1962), por exemplo, recebeu o título ‘Umbanda esotérica e iniciática’, no que pese não entrar em questões internas da doutrina umbandista, parecendo muito mais uma escola estética do que preocupado com o conteúdo. Outro exemplo de uso vem de Osório Cruz que 1954 publicou o texto “O esoterismo de umbanda”. Aspectos que evocam questões da umbanda esotérica foram discutidos em 1941 por Diamantino Coelho durante o Primeiro Congresso Nacional de Umbanda (ANON, 1942). Na ocasião, Coelho era delegado da Tenda Espírita Mirim, fundada na década de 20. Outros autores no referido congresso fazem uma ou outra alusão às origens da Umbanda em primeiros tempos. Contudo, certamente o nome que marca a passagem do esoterismo de umbanda como característica comum a qualquer religião, ou seja, a parte mais interna de uma cosmovisão, para uma escola umbandista propriamente dita com doutrina (epistemologia), linha de transmissão (método) e estilo de vida (ética) é W. W. da Matta e Silva” (CARNEIRO, 2014, p. 97).

⁴ Este jargão religioso seria como ter o comando de uma forma de praticar o ritual umbandista, no caso específico, a Umbanda Esotérica.

Matta e Silva foi um pernambucano de Garanhuns erradicado no Rio de Janeiro. Inicialmente se estabeleceu no bairro da Pavuna, Rio de Janeiro, para depois mudar-se para Itacurussá onde ficou até o final de sua vida. Itacurussá é uma cidade importante para a Umbanda Esotérica, pois foi nela que Matta e Silva funda e inicia suas atividades rituais chegando a escrever sobre o tema em alguns periódicos da época.

O sacerdote editou pela Gráfica Esperanto no ano de 1956 a obra “Umbanda de Todos Nós”. O texto trata dos principais pontos da cosmovisão umbandista sob a luz de seu fundador.

Além deste livro, escreveu mais 8 obras. “Umbanda – Sua Eterna Doutrina”, “Doutrina Secreta da Umbanda”, “Lições de Umbanda e Quimbanda na Palavra de um Preto-Velho”, “Mistérios e Práticas na Lei de Umbanda”, “Segredos da Magia de Umbanda e Quimbanda”, “Umbanda e o Poder da Mediunidade”, “Umbanda do Brasil”, “Macumbas e Candomblés na Umbanda”.

Contudo, de todas, certamente a primeira (“Umbanda de Todos Nós”) marca a posição dessa escola umbandista de maneira mais característica. “Inclusive, de todos os livros, fora também o mais discutido e comumente encontrado em visitas aos terreiros, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, realizadas ao longo dessa pesquisa” (CARNEIRO, 2014, p. 98).

A questão da iniciação ocupa lugar central na vivência templária do adepto da Umbanda Esotérica em Itacurussá que é refletida em sua obra, ganhando um capítulo inteiro para a argumentação de Matta e Silva (2004, p. 253-302).

A função do sacerdote na transmissão do conhecimento e preparação do neófito (iniciando) é destacada. A mediunidade também ocupa um locus importante nessa transformação que o adepto da escola de umbanda esotérica passará (CARNEIRO, 2014, p. 100).

A magia também concorre com a centralidade dos elementos da Umbanda Esotérica, tanto na doutrina quanto na experiência ritual. A questão mágico-religiosa ganha força na terceira parte da obra “Umbanda de Todos Nós” (MATT A E SILVA, 2004, p. 317-336).

Ao longo das décadas de 50, 60, 70 e 80 do século passado, Matta e Silva vai reunir uma quantidade significativa de adeptos, simpatizantes não só de sua literatura, que ganha várias edições, mas de sua ritualística. Inicia filhos e filhas espirituais do Rio de Janeiro e de outros estados. Esse ponto é importante para não caracterizar tal prática umbandista como uma moda ou registro pontual na história.

Ao final da década de 80, transmite a raiz para F. Rivas Neto⁵ (Mestre Araphiagha). Até o presente momento, escreveu várias obras. As que estão diretamente ligadas à Umbanda Esotérica são: “Umbanda a Proto-Síntese Cósmica”, “Umbanda – o elo perdido”, “Lições Básicas de umbanda”, “O Arcano dos Sete Orixás”, “Exu – o grande arcano”, “Fundamentos Herméticos de Umbanda”.

Adentrando outros aspectos da umbanda de síntese, publicou “Cura e auto cura umbandista – terapia da alma”, “Sacerdote, Mago e Médico – cura e auto cura umbandista”. No campo teológico afro-brasileiro, recentemente levou ao público geral a obra “Escolas das Religiões Afro-brasileiras: Tradição Oral e Diversidade”, referendado pelo professor Reginaldo Prandi.

Rivas Neto (1981, p. 46) apresenta algo importante nos fundamentos da umbanda esotérica quando cita sobre os jogos oraculares na umbanda. Foi Matta e Silva, seu mestre, o primeiro a introduzir os conhecimentos de Orunmilá Ifá, responsável pelo destino dos homens, como um método oracular umbandista próprio, além da relação da *pembá*⁶ com este sistema. Algo desdobrado pelo sucessor atualmente.

Atualmente, Rivas Neto é o responsável por tal escola de umbanda. A raiz esotérica continuou viva na Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino (OICD)⁷ localizada em São Paulo (SP). O terreiro em questão foi fundado por Pai Rivas em 1969 e até hoje realiza giras de atendimento público.

Recentemente, no ano de 2014, Rivas Neto inaugura a Tenda de Umbanda Oriental – Escola de Iniciação de Itanhaém. Um templo dedicado à ritualística da Umbanda Esotérica.

Tanto em Matta e Silva, quanto em Rivas Neto, as práticas da umbanda são tidas como esotérica, por acreditar que a iniciação nessa escola permite penetrar em aspectos ocultos da tradição umbandista. Em nada pode ser equiparado com práticas da dita NA (*New Age*). Primeiro por não possuírem elementos de correspondência, segundo pelo próprio discurso do *insider* que não ficou restrito ao terreiro. Ambos os sacerdotes

⁵ “Rivas Neto, desde o início da sua vida, esteve ligado ao culto de nação, por conta de seus pais biológicos. Depois de ser iniciado nele Pai Ernesto de Xangô (Babalorixá Obá Omolokan Adé Ojubá) que também fazia sua encantaria e candomblé de caboclo, Rivas Neto foi para umbanda popular onde destacam-se os nomes de Pai Antônio Romero e Pai Roberto de Guarantan. Depois de passar por essas escolas das religiões afro-brasileiras, encontra-se com seu derradeiro mestre – W. W. da Matta e Silva (Mestre Yapacany), onde permanece com ele por quase vinte anos. Na academia, formou-se médico com duas especializações, cardiologia e medicina intensiva. Sua maior contribuição para o diálogo acadêmico certamente é a fundação da Faculdade de Teologia Umbandista e recentemente têm dado maior ênfase ao diálogo acadêmico por meio da Teologia” (CARNEIRO, 2014, p. 101-102).

⁶ Espécie de escrita sagrada, com sinais ideográficos próprios, decorrente do sistema de ifá.

⁷ A OICD, no âmbito administrativo do terreiro, em 2003, tornou-se a instituição mantenedora da Faculdade de Teologia Umbandista.

levaram ao grande público suas práticas seja pelas obras escritas, seja – hodiernamente – por farto material na internet⁸.

Entender a Umbanda Esotérica como uma escola afro-brasileira⁹ própria, ou seja, composta por uma doutrina (epistemologia), linha de transmissão da raiz (método) e estilo de vida próprio (ética) que não está em oposição às demais práticas umbandistas, permite evitar certos equívocos na pesquisa sobre este universo religioso.

A doutrina de Umbanda Esotérica (epistemologia) é baseada em Ifá e Pomba como já citado. A partir dele, todo o corpo de conhecimento teórico é construído. Seus principais elementos estão descritos nas obras dos sacerdotes Matta e Silva e Rivas Neto em caráter introdutório, tendo em vista que o conhecimento mais aprofundado é restrito aos Iniciados na Umbanda Esotérica.

A partir disso, existe a crença nos Orixás, especificamente a “Vibração de Orixalá (ou Oxalá), Vibração de Yemanjá, Vibração de Xangô, Vibração de Ogum, Vibração de Oxossi, Vibração de Yori¹⁰, Vibração de Yorimá¹¹” (MATTÁ E SILVA, 2004, p. 93). Sobre os emissários divinos dos orixás:

Cada linha comporta sete legiões. Cada legião possuiria quarenta e nove “Orixás Chefes de Falanges” e, esses últimos, trezentos e quarenta e três “Orixás Chefes de Subfalanges”. Por sua vez coordenam os “Guias” e “Chefes de Agrupamentos”, estando no último nível os “Protetores” (MATTÁ E SILVA, 2004, p. 106-107). Essa hierarquia das entidades que atuam na umbanda funciona como um complexo sistema totalmente interligado (CARNEIRO, 2014, p. 99).

Dentro da forma de apresentação dos espíritos na umbanda, são admitidas três roupagens: pretos-velhos, caboclos e crianças. Não existe culto, por exemplo, aos baianos, boiadeiros, marinheiros. Não são utilizados, durante o ritual, instrumentos musicais como o atabaque.

A Umbanda Esotérica acredita e faz uso da mediunidade. O transe mediúnic é bem ativo nos rituais, pois é o principal contato entre os consulentes e os emissários divinos.

⁸ Por exemplo, o canal do Youtube de Pai Rivas: www.youtube.com/pairivas.

⁹ Sobre o conceito de escolas nas religiões afro-brasileiras, ler Rivas Neto (2012).

¹⁰ Nas umbandas, Yori se relacionaria com o orixá Ibeji.

¹¹ Nas umbandas populares, Yorimá se relacionaria com o orixá Obaluayê

A forma de transmissão deste conhecimento religioso (método) se dá pela iniciação. A Umbanda Esotérica é uma religião que acentua consideravelmente este aspecto. Alguém só pode ser aceito na Umbanda Esotérica se o mestre-raiz permitir. Alguém só pode ser iniciado na Umbanda Esotérica se o mestre-raiz, ou um iniciado por ele outorgado, realizar os ritos propícios para tal.

Atualmente, o Mestre-Raiz da Umbanda Esotérica é Mestre Araphiagha (Rivas Neto). Todos os adeptos desta escola umbandista entram como neófitos, possuindo plenas condições de alcançarem estes conhecimentos mais profundos da religião, ou seja, tornarem-se iniciados. Para tanto, é necessário interesse e participação efetiva do discípulo no terreiro, vontade do mestre-raiz em estruturar o indivíduo nos seus aspectos espirituais, sociais, materiais e condições espirituais favoráveis que são mensuradas pelo próprio mestre¹².

O estilo de vida (ética) da Umbanda Esotérica é afastada de uma visão dualista (bem/mal). Talvez uma das formas mais simbólicas de aferir isso é na compreensão da atuação magística de exu. A questão não é quem faz o bem ou mal, mas como a justiça divina, proveniente dos Orixás e executada pelos Exus, pode ser executada em favor de todos os intervenientes. “Daí a distinção da umbanda para quimbanda, segundo Matta e Silva. Se nas umbandas cristãs coloca-se o “bem” para a primeira e o “mal” para a segunda, na umbanda esotérica as duas estão em equilíbrio” (CARNEIRO, 2014, p. 100).

Após uma breve exposição dos elementos que caracterizam a escolas afro-brasileira Umbanda Esotérica, torna necessário demonstrar a impossibilidade dela ser tratada como um movimento *folk* ou similar a uma adaptação da NA nas Religiões Afro-brasileiras.

A discussão sobre a relação da New Age com a Umbanda Esotérica: um equívoco

Alguns autores entraram nesta perspectiva que ora refuto. No presente texto, vou citar dois em especial: Silas Guerriero (2009) e Amurabi Oliveira (2014).

Possuidora de ricos elementos de crenças e magias, a Umbanda herdou do espiritismo um viés moralizante, principalmente relacionada à caridade para com o próximo. Sincrética desde seu início, mas restrita às camadas mais marginalizadas das populações urbanas, a Umbanda presenciou uma mudança a partir dos anos 1970. As camadas mais escolarizadas e abastadas começaram a

¹² Uma dessas formas são os jogos oraculares.

frequentar seus terreiros. Como fruto desses fluxos, alguns grupos umbandistas incorporaram novos elementos, agora vindos dos ecos da contracultura. Ocultismo oriental e mais estudos da Rosa Cruz e da teosofia acabaram resultando numa concepção nova, a Umbanda Esotérica. Este nome é auto-sugerido, oriundo dos integrantes da Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino. Essa ordem é, ela mesma, uma recriação a partir de modelos de escolas esotéricas existentes desde o século XIX (GUERRIERO, 2009, p. 41).

O argumento de Guerriero precisa ser reparado. Primeiro, considerando o cenário umbandista do eixo Rio-São Paulo, outros cientistas sociais identificaram essa mudança das ditas camadas mais marginalizadas pelo menos quarenta anos mais cedo (GIUMBELLI, 2002; BROWN, 1985; ORTIZ, 1986; BIRMAN, 1983; 1985).

Como já exposto, existe a concepção de umbanda esotérica registrado em livro desde a década de 1950 e não 70. Sendo naturalmente, a prática religiosa anterior à obra. Não é correto afirmar que o termo seria “auto sugerido” pelos integrantes da OICD, dada a evidente precedência e utilização por Matta e Silva.

Quanto ao uso de elementos da Rosa Cruz e Teosofia¹³, carece do pesquisador mostrar as referências rituais e ou da doutrina que justifica o argumento. O próprio Rivas Neto (1999) afirma que os princípios da umbanda esotérica não tem relação com os ensinamentos da teosofia e outras doutrinas esoteristas correlatas. A práxis do terreiro reforça o exposto em visitas pessoais a OICD.

A Umbanda Esotérica é, sem sombra de dúvida, bastante diferente de sua vertente tradicional. No entanto, guarda semelhanças doutrinárias que permitem a permanência da identidade umbandista. Vestida com uma roupagem elitizada, porque voltada para um conhecimento profundo, acaba deixando de lado muito da magia mais pragmática tão comum na Umbanda. A magia, aqui, se transforma numa busca pelo conhecimento profundo e universal (GUERRIERO, 2009, p. 42).

¹³ Ao final do livro de Matta e Silva (2004) é citada vasta bibliografia utilizada por ele. Aparecem algumas obras da teosofia, por exemplo: “O Homem e seus Corpos” de Annie Besant. Também aparecem livros acadêmicos de Donald Pierson, Nina Rorigues, Heli Chatelain e outros. Outros temas filosóficos e culturais aparecem na referida lista. A bibliografia consultada não foi utilizada para construção da teoria de umbanda esotérica e sim marcos de discussão introdutórios do livro. Na obra em si, não existe um direcionamento doutrinário que sequer se assemelhe à teosofia.

No que pese as Umbandas terem um núcleo duro comum que reforça a ideia de tradição e unidade (culto aos orixás e seus emissários divinos como caboclos, pretos-velhos, crianças, exus, entre outros, transe característico do ritual umbandista, entre outros), suas expressões são bem diferentes uma das outras. Aliás, por isso, cada uma forma uma escola umbandista específica.

No que diz respeito à magia, fica novamente muito difícil admitir a leitura feita por Guerriero. A prática tanto de Matta e Silva em Itacurussá, quanto de Rivas Neto em São Paulo e Itanhaém é totalmente inserida nos aspectos mágicos mais práticos e funcionais possíveis. Os consulentes e clientes acorriam ao antecessor e atualmente vão procurar o sucessor principalmente para a solução mágica de problemas espirituais e materiais. Quando afirmo magia na umbanda esotérica, o faço em termos umbandistas mesmo e não esoteristas.

Ainda nas obras de Matta e Silva:

Tudo é calcado na magia, no mito, na experiência ritual. O que naturalmente mostra a preocupação do autor em apresentar um argumento coerente sobre umbanda para o público geral, sem desmerecer a vivência templária. Pelo contrário, a valoriza. A questão mágico-religiosa ganha força na terceira parte da obra. Seja falando de espíritos da natureza, seja sobre a força criativa da mente humana. Finalmente apresenta “Os Sete Planos Opostos da Lei de Umbanda”. Ao contrário da umbanda branca que localizou o exu de forma marginal, quando não excluída dos seus ritos no início do século XX, Matta e Silva vai alçá-lo à condição de significativa importância (CARNEIRO, 2014, p. 100).

Rivas Neto em suas obras cita em vários momentos os aspectos práticos da magia. Para citar apenas um exemplo, no livro “Exu – O grande arcano”, dedica tanto o quinto capítulo denominado “O Agente da Magia – O Saneador Planetário” como o sétimo “Movimentação ou atuação Magística dos Exus” à temática. Somado os dois capítulos, são mais de cento e quarenta páginas sobre magia umbandista na perspectiva desta escola.

Não é possível, e também não é a pretensão deste texto, discutir o argumento central de Guerriero. De fato podem existir novas configurações das religiões tradicionais e a influência da NA deve ser perceptível em algum nível em todas elas, inclusive nas religiões afro-brasileiras.

O ponto de discussão evocado aqui é que a umbanda esotérica não representa este movimento. Porque desde sua fundação, anterior a década de 50 do século passado, não fora esse o propósito. E até os dias de hoje não faz uso de conceitos da NA para se sustentar.

De onde Guerriero extrai os elementos para sustentar a umbanda esotérica neste movimento da NA? A inconsistência do argumento talvez se dê pelo fato de apropriar-se do nome “umbanda esotérica” sem se preocupar em pesquisar *in locu* o terreiro da OICD ou, pelo menos, uma compensação (questionável) pela leitura das obras escritas pelos próprios sacerdotes. Contudo, na bibliografia do artigo (GUERRIERO, 2009, p. 52) não aparecem livros de Matta e Silva e é citado apenas um texto de Rivas Neto (2007)¹⁴.

Oliveira (2014), por outro lado, entende que existe uma diferença entre umbanda esotérica e esoterismo na umbanda:

Compreendemos aqui que a Umbanda Esotérica seria caracterizada por se tratar de um culto afro-brasileiro no qual há a incorporação de elementos oriundos das práticas esotéricas; contudo, mantendo-se a identidade de religião de matriz africana, ao passo que o esoterismo umbandista seria uma prática esotérica na qual há a incorporação de elementos oriundos dos cultos afro-brasileiros; contudo, negando nesta identidade, principalmente em termos de pertencimento religioso de seus praticantes (OLIVEIRA, 2014, p. 173).

Contudo, mais a frente do seu texto, ele posiciona a Umbanda Esotérica citando Guerriero com elementos da rosa cruz e teosofia já refutados aqui (OLIVEIRA, 2014, p. 177). Oliveira (2014, p. 177) ainda tenta defender a fundação da umbanda esotérica com o Mestre Zartú citando, inclusive, a pesquisa de Victoriano (2005, p. 104). Aqui cabem algumas considerações.

É admissível no campo religioso um sacerdote ou terreiro usar o termo “umbanda esotérica” como auto identificação. Muito diferente de concluir que é uma escola umbandista como apresentado no início do texto. Olhando a primazia do nome, por exemplo, o termo aparece em congressos, artigos e revistas antes de 1950.

O próprio Matta e Silva publicou artigos em periódicos na década de 1940. Igualmente, ao observamos a larga escala de utilização do *insider* e dos registros históricos,

¹⁴ Guerriero utiliza a versão de 2002, sendo a de 2007 apenas uma reimpressão da mesma.

remete-se à escola de iniciação de Matta e Silva, agora com Rivas Neto a identidade do termo.

Questiono assim qual a legitimidade de associar ao Mestre Zartú a fundação da umbanda esotérica. Afinal, o termo aparece antes da data aferida por Victoriano e esta tenda não consegue ter a mesma relevância histórica que Matta e Silva/ Rivas Neto, pois os últimos posicionaram a umbanda esotérica no cenário religioso até os dias atuais.

Sendo assim toda a análise de Oliveira (2014, p. 177) sobre os elementos de NA são aplicáveis apenas à Tenda Espírita Mensageiros da Paz de Mestre Zartú e que, na sequência, é desdobrada para o Vale do Amanhecer. De igual maneira, em nada pode ser associada à Umbanda Esotérica. Isso é um equívoco acadêmico de generalização, quando a parte (apenas este terreiro) serve como base para representar o todo.

Oliveira (2014, p. 178) também cita a pesquisa de Alice Macedo (2011) sobre a Fraternidade de Umbanda Esotérica Caboclo Pena Branca que, mesmo com a autodenominação, não está associada com a Umbanda Esotérica como escola afro-brasileira.

Aqui é necessário outro apontamento. Fazendo uso de uma analogia, uma pesquisa acadêmica não pode classificar um templo como católico, apenas porque seu nome carrega o termo. O Catolicismo possui características específicas que o qualificam como tal. Usando a chave de interpretação “escolas” (RIVAS NETO, 2012) é possível identificar com maior clareza o que é um terreiro nominado umbanda esotérica e o que é um terreiro filiado à escola de umbanda esotérica.

Não pode ser negado na pesquisa de Oliveira (2014, p. 179) que existe um esoterismo umbandizado em templos pesquisados por ele. Ele mesmo difere isso da umbanda esotérica.

A questão para Oliveira é que seu texto caracteriza alguns templos como umbanda esotérica que não podem ser encarados como tal, exceto pela autodenominação. Justifica-se o exposto, tendo em vista que o termo dentro da religião tem outra conotação completamente diferente. O que dificultaria novas pesquisas de campo, pois estimularia a confusão criada entre a categoria criada pelos acadêmicos vis à vis o *insider* da umbanda esotérica que não se identifica com o descrito.

Ainda que o termo fosse mantido pela autodenominação, um terreiro que se chama assim pode ser bem diferente do outro com mesmo nome. Como criar a relação para além de um estudo de caso? Mais uma vez o conceito de escolas auxilia a reflexão metodológica.

Considerações finais

O artigo procurou apresentar o que é a Umbanda Esotérica como escola afro-brasileira com características próprias, mas em isonomia com as demais umbandas. Contudo, não é possível associar a tal escola ligação com o movimento New Age, embora este esteja atualmente permeando vários terreiros umbandistas. A constatação de elementos da New Age em alguns terreiros de umbanda reforça a ideia que existe um esoterização nas religiões afro-brasileiras em certa escala, mas não que isso parta ou seja integrante da Umbanda Esotérica tal como historicamente ela foi constituída.

Bibliografia

- Anônimo. *Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda*. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é umbanda*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Registrado em Cartório, com firma reconhecida: a mediação política das federações de umbanda*. In: BROWN, Diana, NEGRÃO, Lísias etc al (orgs). *Umbanda e Política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. In: BROWN, Diana, NEGRÃO, Lísias etc al (orgs). *Umbanda e Política*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- CARNEIRO, João Luiz. *Academia no terreiro ou Terreiro na academia? A função da Faculdade de Teologia Umbandista no diálogo entre adeptos de Religiões Afro-brasileiras e acadêmicos na esfera pública*. Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Ciências da Religião, 2014.
- GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: Vagner Gonçalves da Silva. (Org.). *Caminhos da Alma*. São Paulo: Selo Negro, 2002.
- GUERRIERO, Silas. *Novas configurações das religiões tradicionais: ressignificação e influência do universo Nova Era*. Tomo (UFS), v. 14, p. 35-53, 2009.
- MACEDO, Alice Costa. *O reverente Irreverente: a espiritualidade em rituais de umbanda*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.
- MAGNO, Oliveira. *Umbanda Esotérica e Iniciática*. Rio de Janeiro: Gráfica editora Aurora, 1962.
- MATTA E SILVA, Woodrow Wilson. *Umbanda de Todos Nós*. São Paulo: Ícone, 2004.
- _____. *Umbanda e o poder da mediunidade*. São Paulo: Ícone, 2007.
- _____. *Lições de Umbanda (e Quimbanda) na Palavra de Um Velho Preto*. São Paulo: Ícone, 2006.
- _____. *Macumbas e candomblés na umbanda*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1977.
- _____. *Mistérios e práticas da lei de Umbanda*. São Paulo. Ícone. 1999.

- OLIVEIRA, Amurabi. *A Nova Era com Axé: Umbanda Esotérica e Esoterismo Umbandista no Brasil*. Revista Pós Ciências Sociais, v. 11, p. 167-183, 2014.
- ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. Breve nota sobre a umbanda e suas origens. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- RIVAS NETO, Francisco. *Escolas das Religiões Afro-brasileiras: Tradição Oral e Diversidade*. São Paulo: Arché, 2012.
- _____. *Umbanda a Proto-Síntese Cósmica*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. *Exu – O Grande Arcano*. São Paulo: Ícone, 1993.
- _____. *O Sacerdote, Mago e Médico: cura e autocura umbandista*. São Paulo: Ícone, 2003.
- _____. Jogo de Ifá: A vida através de búzios e dendês. In: *Revista Planeta: Candomblé e Umbanda*. São Paulo: Editora Três, 1981.
- _____. *Do sincretismo à convergência*. In: II Congresso Brasileiro de Umbanda do Século XXI, São Paulo, 2009.
- _____. *Blog Espiritualidade e Ciência*. Disponível em: <<http://espiritualidadeciencia.wordpress.com>>. 2010. Acesso em: 18 dez. 2013.
- _____. *Fundamentos Herméticos de Umbanda*. São Paulo: Ícone, 1996.
- _____. *Umbanda, o elo perdido*. São Paulo: Ícone, 1999.
- _____. *Introdução à Umbanda de Todos Nós*. São Paulo: Ícone, 2004.
- VICTORIANO, Benedicto Anselmo Domingos. *O prestígio religioso na Umbanda: dramatização e poder*. Annablume, 2005.